

ENCONTROS INTERCULTURAIS E TRANSFERÊNCIA DE CONHECIMENTOS. MULHERES COMO INTERMEDIÁRIAS NO IMPÉRIO ULTRAMARINO PORTUGUÊS

AMÉLIA POLÓNIA*

ROSA CAPELÃO**

Resumo: *Este artigo dará atenção aos papéis das mulheres no Oriente no campo específico da transferência de conhecimento. Os processos de transferência de conhecimento e tradução cultural dependeram em grande parte das atuações das mulheres como intermediárias, como corretoras e media-neiras, apresentadas e analisadas neste artigo como agentes de circulação de conhecimentos entre diferentes mundos. Os processos de transferência de conhecimento e tradução cultural dependeram em grande parte da atuação desses intermediários. As fontes históricas usadas são principalmente europeias e incluem crônicas, correspondência administrativa e cartas de missionários. Este artigo irá, assim, indagar, com base em suportes empíricos e tendo em consideração os contextos e culturas locais, em que medida os processos de encontros culturais e a circulação do conhecimento dependeram do papel ainda não escrutinado das mulheres — europeias ou autóctones de velhos e novos mundos com os quais os europeus contactaram.*

Palavras-chave: *Transferência de conhecimento; Mulher; Expansão Ultramarina Portuguesa; Encontros Interculturais.*

Abstract: *The paper will give attention to the roles of women in the East in the specific field of transference of knowledge. Processes of transference of knowledge and cultural translation depended a great deal on the performances of women as intermediaries, as brokers and go-betweenes, presented and analyzed in this paper as agents of circulation of knowledge between different worlds. Processes of transference of knowledge and cultural translation depended in a great deal on the performances of these intermediaries. The historical sources used are mostly European and include chronicles, administrative correspondence, and letters from missionaries. This paper will thus enquire, based on an empirical basis and taken into consideration the local contexts and cultures, to what extent processes of cultural encounters and the circulation of knowledge depended on the still unscrutinised role of women — European or autochthone of old and new worlds with which European contacted.*

Keywords: *Transfer of knowledge; Woman; Portuguese Overseas Expansion; Intercultural Encounters.*

Este trabalho centrar-se-á em mulheres que atuaram como intermediárias no Império Ultramarino Português, atribuindo-lhes um papel social que tradicionalmente lhes foi negado pela historiografia dominante. Com este objetivo, dar-se-á, em simultâneo, atenção aos papéis desempenhados pelas mulheres europeias e autóctones no Oriente. Parte-se do pressuposto de que, nos processos da colonização e da construção

* UP/CITCEM. Email: apoloniaflup@gmail.com.

** CITCEM. Email: rosa.capelao@outlook.com.

de impérios na Idade Moderna, a transferência de conhecimento e a tradução cultural dependiam, em grande parte, do desempenho dessas intermediárias.

Assume-se, ainda, que nos primeiros processos modernos de colonização, as mulheres não eram apenas uma base para a reprodução da sociedade colonial. Elas também representaram importantes papéis sociais enquanto parceiras económicas e agentes diplomáticas, constituindo-se em intermediárias essenciais nos sistemas de comunicação colonial. Processos de transferência de conhecimento e tradução cultural dependiam muito das *performances* dessas intermediárias — apresentadas e analisadas aqui como agentes de produção, transferência e circulação de conhecimento entre diferentes mundos.

Para atingir os nossos objetivos, tomaremos como referência uma extensa bibliografia na qual os papéis das mulheres não são, porém, o foco central. Esta servirá de enquadramento teórico a partir do qual as fontes documentais serão analisadas. As fontes históricas são constituídas principalmente por documentos europeus (portugueses), como crónicas, correspondência administrativa e cartas de missionários, sem podermos esquecer que estamos a contemplar esses universos através do olhar do colonizador e masculino, que atribui às mulheres uma posição subordinada e periférica nos seus relatos.

A abundante literatura sobre o papel das mulheres nos mundos coloniais continua a negligenciar as mulheres indígenas como atores sociais, e seu papel imprescindível para o surgimento de novos padrões sociais e culturais nos territórios coloniais. Isto é ainda mais visível nos séculos XV e XVI, os primeiros e mais decisivos momentos para o estabelecimento de relações interculturais. O mundo ultramarino português é o caso em análise. Elas são consideradas detentoras de um conhecimento prático crucial para a implementação de ordem, estabilidade e mudança nas sociedades colonizadas ou colonizadoras. Este texto indagará, pois, com apoio numa sólida base empírica e levando em consideração os contextos e culturas locais, em que medida os processos de encontros culturais e a circulação do conhecimento dependeram do papel ainda não escrutinado dessas mulheres — europeias ou autóctones, que participaram do encontro entre a velha Europa e os «novos» mundos com quem contactaram.

Em termos de contextos interpretativos, estamos perante uma etapa histórica em que os padrões de cooperação, negociação, assimilação e confronto são inevitáveis. Por isso, o caminho analítico a seguir, ao cruzar a história da ciência e os estudos coloniais, requer uma reflexão prévia sobre conceitos como cooperação, o seu papel central em redes auto-organizadas e a transferência de conhecimentos, tidos neste trabalho no seu sentido mais amplo.

1. MARCO TEÓRICO E CONTEXTOS INTERPRETATIVOS

No âmbito do Império Português, e ainda que um número relevante de estudos já tenha ultrapassado certas perspetivas tradicionais em relação à Ásia, e particularmente ao Oceano Índico, como é o caso dos trabalhos de Sanjay Subrahmanyam, Michael Pearson ou James Boyajian, muito ainda precisa ser feito¹. Tais perspetivas estão, de facto, sob revisão através de lentes de uma dinâmica historiografia, tanto europeia quanto não-europeia. Esta incide sobre o papel dos indivíduos, mulheres e homens, na construção de impérios coloniais; sobre formas de interpretação e de «tradução» do modo como agentes históricos, dos séculos XVI e XVII, veem e se apropriam de realidades tão diferentes e tão «outras» que suscitam reações e comportamentos, que sendo diversos, não são necessariamente contraditórios. Encontros e confrontos; conflitos e cooperação; transferências e imposições; diálogos participados e discursos hegemónicos coexistem neste mundo complexo da Época Moderna.

A expressão «impérios informais» surgiu precisamente como um meio de apontar para estratégias não formais ou institucionalizadas com base nas quais o domínio ultramarino europeu foi construído na Primeira Era Global, ou seja, no período compreendido entre 1400 e 1800.

Simultaneamente, a análise de redes, juntamente com os métodos de reconstituição das mesmas, tornou-se num procedimento central no estudo da incipiente globalização moderna. Os pesquisadores passaram a centrar sua atenção em redes informais, transimperiais e transfronteiriças, e não apenas naquelas resultantes das atividades e das estratégias dirigidas pelo poder central, que são, por natureza, «nacionais» e promovem a rivalidade em vez de mecanismos de cooperação². Com frequência, essas redes, interculturais, auto-organizadas, e transimperiais impuseram sérios desafios a instituições estatais, eclesásticas e monopolistas, já que eram, na sua origem, marginais, ou mesmo ilegais, mas foram também aquelas que, dentro ou em colaboração com as instituições formais, tornaram-se em elementos necessários à construção de impérios.

A cooperação, definida como uma ação coletiva de indivíduos que visam compartilhar determinada tarefa, lucrativa para todos os participantes, é vista como um processo social em que indivíduos, grupos e instituições agem de forma concertada para alcançar objetivos comuns³. A cooperação entre indivíduos e poderes formais foi muitas vezes um meio decisivo para a construção imperial. Os sistemas complexos produzidos e coordenados pelos poderes centrais dependiam frequentemente da cooperação dos indivíduos. Em paralelo, os comportamentos cooperativos entre os indivíduos e o Estado não excluíram comportamentos recíprocos de engano e deserção. Frequentes vezes,

¹ SUBRAHMANYAM, 1996; PEARSON, 2005; BOYAJIAN, 2008.

² POLÓNIA & ANTUNES, *eds.*, 2017.

³ JESÚS & TIRIBA, 2009.

indivíduos e grupos impediram as estratégias do poder central ou resistiram-lhes, mudando as formas como essas políticas foram implementadas no terreno ou, inclusivamente, inibiram a sua concretização⁴.

A repercussão dessa análise quando aplicada a impérios coloniais implica um enfoque nas relações entre colonos e colonizados. Essas são baseadas tanto nas conexões informais entre os indivíduos, quanto nas direções e mecanismos reguladores, formalmente impostos pelo Estado. É precisamente esta teorização que constitui o núcleo da nossa análise das mulheres como intermediárias entre mundos com que pela primeira vez entram em contacto, num contexto caracterizado pela sua extrema volatilidade.

Além das teorias de cooperação, as teorias de auto-organização tornam-se também uma ferramenta útil para uma compreensão mais precisa da dinâmica das relações sob escrutínio. A auto-organização é vista como um processo em que alguma forma, ordem ou coordenação surgem das interações entre os componentes de um sistema que inicialmente estava desordenado. Presume-se que este processo seja espontâneo: i.e., não é dirigido ou controlado por nenhum agente ou subsistema dentro ou fora do sistema⁵. Este processo é importante para interpretar as práticas analisadas em torno da transferência de conhecimentos que aqui nos ocupa.

Neste contexto, histórico e teórico, que poderemos dizer, em concreto, sobre as transferências de conhecimento nesses espaços de encontros interculturais?

2. MULHERES COMO INTERMEDIÁRIAS NA TRANSFERÊNCIA DE CONHECIMENTO

Em primeiro lugar, há que definir conhecimento. Entendemos por conhecimento a informação e as capacidades adquiridas por uma pessoa ou um grupo de pessoas através da experiência ou da educação, tanto teóricas como práticas, e destinadas a intervir na realidade. De acordo com esse conceito, a construção do conhecimento está conectada com a ação de dominar uma ciência, uma arte, um método, um procedimento. Nesse sentido, esse conceito de conhecimento é muito mais amplo que o conceito tradicional de «conhecimento científico», entendido como uma coleção de factos verificáveis e submetidos à aplicação do que deve ser considerado o método científico.

A ideia de conhecimento aplicada neste capítulo é muito mais ampla, e baseia-se naquele que é compartilhado e transmitido dentro de um ambiente social e cultural específico, recebido pela tradição ou acumulado pela experiência. Este tipo de conhecimento pode ser, e é, transmitido dentro de uma área geográfica e cultural, cuja disseminação e usos devem ser entendidos no âmbito de uma configuração global e intercultural, num contexto em que diferentes mundos entram em contacto e colidem, como aconteceu

⁴ POLÓNIA, 2013.

⁵ ANTUNES & POLÓNIA, *eds.*, 2016.

na Primeira Era Global, em função de processos impostos pelas dinâmicas coloniais⁶. Como resultado, o diálogo e as transferências interculturais tornam-se inevitáveis, assim como uma mobilidade ampla de saberes e conhecimentos.

Nos diferentes encontros multiculturais identificáveis no contexto em análise, as mulheres atuaram como agentes responsáveis pela produção, transferência e circulação de conhecimento⁷. A sua ação depende, porém, de especificidades culturais e de mecanismos de cooperação que obrigam a ter em conta diferenças regionais.

Em qualquer dos contextos de atuação dos Portugueses as mulheres eram, necessariamente, agentes de transferências culturais entre mundos⁸. Em primeiro lugar, como parceiras e cônjuges: era inevitável que transmitissem linguagem, práticas de higiene, dietas e rotinas de preparação de alimentos, e práticas de saúde; comportamentos éticos e valores, apesar dos diferentes ritos religiosos. Como mães dos filhos de colonos portugueses, atuando no seu universo cultural local, elas eram educadoras, desenvolvendo a capacidade para transferir códigos de conduta e valores cruzados para as novas gerações. Nem toda essa transferência de conhecimento é objetiva ou intencional, mas orienta e influencia ações e comportamentos.

Não admira que essas mulheres apareçam frequentemente nas fontes oficiais portuguesas como tradutoras, como elementos de comunicação entre mundos diferentes, dominando diversas línguas e diferentes códigos culturais. Fernão Mendes Pinto, na *Peregrinação*, reconhece o papel crucial das mulheres como intérpretes, como sendo anterior à chegada dos portugueses. Chegando pela primeira vez ao Japão, ele conta que foi uma mulher léquia⁹ que fazia de intérprete entre chineses e japoneses.

quando o nautoquim, príncipe desta ilha de Tanixumá, se veio ao nosso junco acompanhado de muitos mercadores e de gente nobre, com grande soma de caixões cheios de prata para fazer fazenda [...] E chamando então para junto de si uma mulher léquia, que era a intérprete por quem se entendia com o capitão chim, senhor do junco, lhe disse: Pergunta ao necodá onde achou estes homens, ou com que título os traz consigo a esta nossa terra de Japão¹⁰.

Sobre o papel das mulheres no campo económico, podemos assinalar que já em 1515 Tomé Pires assinalou o protagonismo que tinham em Malaca as vendedoras ambulantes, que inclusive geriam um mercado noturno¹¹. António de Galvão indica o mesmo em

⁶ WENDT, 2016; RAJ, 2010; BLEICHMAR *et al.*, 2009; LIVINGSTONE, 2003.

⁷ POLÓNIA & CAPELÃO, 2018b.

⁸ POLÓNIA & CAPELÃO, 2017.

⁹ Das ilhas Léquias. Atual arquipélago japonês de Ryūkyū.

¹⁰ POLÓNIA & CAPELÃO, *coord.*, 2018a: 458-459.

¹¹ REID, 1988: 635.

relação às mulheres das Molucas, sendo elas as que negociavam, compravam e vendiam mercadorias, e descreveu como as mulheres da Birmânia eram as que administravam os negócios mercantis mais importantes de seus maridos¹². O papel das mulheres em mercados mais específicos como o comércio de pimenta também é reconhecido¹³.

Em Macau, muitas mulheres chinesas eram parceiras económicas dos portugueses e, mais tarde, de holandeses, ingleses e até escandinavos ligados às feiras de Cantão, que passavam longos períodos na dita cidade. Num caso como noutro, estas mulheres apresentam-se como intermediárias naturais entre mundos, inclusive intereuropeus¹⁴. É de assinalar o caso bem documentado de Isabel Reigota, viúva de origem japonesa residente em Macau, conhecida por querer reintroduzir os Jesuítas no Japão depois da sua expulsão. Esta mulher destacou-se na chamada Guerra do Sândalo entre 1652 e 1663, em favor dos interesses dos membros da Companhia¹⁵.

Como a expansão e o domínio europeus dependiam do conhecimento sobre as condições climáticas, geográficas, de produção e consumo, circuitos marítimos, idiomas, culturas, produtos comerciais e centros comerciais presentes nos novos espaços, a informação era um dos bens mais valiosos. As mulheres faziam parte dessa cadeia de transmissão de informações. Esses fluxos de informação não eram, no entanto, unilaterais, e as mesmas mulheres e homens poderiam ser igualmente valiosos para suas sociedades, comunidades e famílias.

Isto significa que as mulheres também podiam ser elementos importantes de resistência à presença e às estratégias coloniais. Embora as fontes pareçam ser muito mais eloquentes sobre a cooperação positiva dessas mulheres, nos domínios da família, política e economia, isso não significa que os comportamentos oportunistas, de engano e de deserção não existissem e atingissem alvos em ambos os lados dos jogos da cooperação.

Dito isto, sublinhando um argumento principal do nosso raciocínio, vamos concentrar-nos no tópico central da nossa comunicação e apontar alguns indicadores de transferência de conhecimentos, centrando-nos em formas locais de cura fornecidas por mulheres «não-cristãs». No contexto da costa oriental africana, João dos Santos, da ordem dos Pregadores, após proibir a presença de qualquer português (homem ou mulher) nas festividades realizadas entre Muçulmanos aquando da circuncisão, e condenando a sociabilidade entre mulheres cristãs e muçulmanas, visitando-se umas às outras nos domingos e partilhando roupas e joias, rende-se ao virtuosismo das curas realizadas por uma mulher muçulmana a uma doença identificada como «o ar» que afligia, sem solução, o dito sacerdote. Ele explica: «O primeiro Mouro, a quem tolhi esta solemne circuncisão, foy hum Mouro fidalgo, & honrado de Quirimba, chamado Maçuco, grande meu amigo,

¹² REID, 1988: 635.

¹³ ANDAYA, 1995.

¹⁴ VAN DYKE, 2011.

¹⁵ PENALVA, 2011: 115-142.

irmão de hũa Moura velha, chamada Manâsua, grande mestra, a qual me tinha curado do âr, que me deu, com muito cuidado, pollo que lhe estava muy obrigado...»¹⁶.

Dentro das transferências culturais de rituais e conhecimentos relacionados às práticas de saúde, merece atenção especial, devido à sua importância para qualquer mulher, independentemente da cultura a que ela pertence, o parto. A este respeito, os sucessivos Conselhos Diocesanos de Goa proibiram, desde o início, em 1567, a presença de parteiras locais não-católicas a assistir ao parto de mulheres cristãs, incluindo, obviamente, as cônjuges convertidas dos portugueses «casados», a menos que tivessem permissão explícita do bispo¹⁷. O quinto concílio eclesiástico admitiu que uma *daya* «infiel» poderia ajudar, mas somente se não houvesse cristão disponível, e com a condição de que outras duas mulheres cristãs estivessem presentes, de modo a realizar o batismo, se necessário, e prevenir qualquer prática supersticiosa¹⁸.

O mesmo capítulo acrescenta: «ninguém levará uma ama de leite Gentia para criar seus filhos sob pena de cinquenta *pardãos*, e se for mourisca, além da mesma pena incorrerá em uma grande excomunhão, já que é certo que as crianças tomem os costumes de quem as criam e continuam com elas, uma vez criadas»¹⁹. Por diferentes razões, as mesmas deliberações eclesiásticas proibiam qualquer cristão de ser tratado por médicos não-cristãos ou mesmo de ser barbeado por um «infiel».

Apesar dessas proibições, o que se sabe sobre intercâmbios em práticas médicas e tratamentos farmacêuticos mostra exatamente o oposto: uma persistente e intensa transferência de conhecimento das sociedades orientais para as ocidentais, e um bem documentado reconhecimento da mais-valia do conhecimento médico do Oriente e do Extremo Oriente²⁰.

¹⁶ «E assi mais fuy tirando, & prohibindo algũs abuzos, & cerimonias, de que uzavão os Mouros destas ilhas entre os Christãos mui perjudiciaes a nossa sagrada ley. O que fiz com muito trabalho, porque não somente tive os Mouros contra mim, mas também alguns Christãos [...]. A qual cerimonia fazião com grandes festas, & banquetes: & o pior de tudo era, serem pera isso favorecidos dos Christãos seus amigos, particularmente das molheres, que pera estes dias emprestavam suas joyas, cadeas, & vestidos, pera se as Mouras ornarem naquelas festas. E não faltava a certos Christãos mais, que serem padrinhos do Mouro circuncidado. O primeiro Mouro, a quem tolhi esta solemne circuncisão, foy hum Mouro fidalgo, & honrado de Quirimba, chamado Maçuco, grande meu amigo, irmão de hũa Moura velha, chamada Manâsua, grande mestra, a qual me tinha curado do âr, que me deu, com muito cuidado, pollo que lhe estava muy obrigado...» (SANTOS, 1609: 77).

¹⁷ «e que nenhuma christã em seu parto chame *daya* infiel, sob a pena que ao Prelado bem parecer; e avendo necessidade, o Prelado informandose primeiro poderá dar licença quando for conveniente, e não tendo os taes infieis aprendizes» (RIVARA, 1862: 25).

¹⁸ «Nenhuma mulher christã se sirva em sua cura, nem parto de *daya* infiel, salvo onde não houver *daya* christã, porque neste caso se poderá servir da infiel, estando porem sempre presentes á sua cura e parto duas molheres honestas christãs, assim para não consentirem superstições algumas, como para que sabendo a forma do Baptismo, possam baptisar a criança, se nascer com perigo, e assim nenhuma pessoa tomará ama gentia sob pena de cincoenta *pardãos* para criação de seus filhos, e se for moura, alem da mesma pena encorrerá em excommunhão mayor, por quanto certo he nos meninos tomarem os custumes das pessoas, que os crião, e continuarem com elles depois de criados» (RIVARA, 1862: 263-264).

¹⁹ RIVARA, 1862: 25.

²⁰ ORTA, Garcia de (1563) — *Coloquios dos Simples, e Drogas he Cousas Mediçinais da India* [...]. Goa: Joannes de Endem, e COSTA, Cristovão da (1578) — *Tractado delas Drogas, y medicinas de las Indias Orientales, con sus Plantas debuxadas al biuo por Christoual A costa medico y cirujano que las vio ocularmente*. Burgos: Martin de Victoria.

A mobilidade de saberes entre territórios orientais também é sugerida quando focada nas atividades das parteiras. Ao mesmo tempo que Garcia de Orta menciona parteiras javanesas a trabalhar na Índia²¹, outras fontes identificam mulheres portuguesas que exerciam a mesma ocupação em Goa²². Em Portugal, como na Europa, o parto prevaleceu como um dos principais mercados de trabalho para as mulheres no campo da atuação médica: principalmente por causa da exigência de um contacto íntimo com o corpo de outras mulheres. Assim, é compreensível que as mulheres dominem práticas empíricas em torno do nascimento, associadas à necessidade e ao prestígio de um conhecimento ainda predominantemente prático e geracional em torno do nascimento de uma criança. Na Europa, do século XVII ao XIX, ocorreu uma tentativa de hegemonia epistémica pela academia médica, também na área do conhecimento obstétrico, mas até então, e mesmo durante esse tempo, o conhecimento sobre o parto era englobado por um saber ou sabedoria possuída por certas especialistas, geralmente femininas²³.

Algumas achegas podem ser fornecidas acerca da forma como essas mulheres recolhiam esse tipo de conhecimento, tanto na Europa como em contextos coloniais. No Oriente, e apenas como exemplo, Gaspar Correia, o cronista português, menciona uma mulher, Ana Fernandes, atuando como curadora dos feridos no primeiro cerco de Diu, em 1538. Ela é apresentada como talentosa na cura com uma técnica que usava a clara do ovo. Era casada com um bacharel em medicina²⁴. No entanto, o que sabemos sobre a transmissão médica do conhecimento em Portugal apresenta formas mais complexas de transmissão, para além do casamento. A aprendizagem também era feita pelo contacto com profissionais e médicos, por vezes com uma carreira familiar, mas também por transmissão de pai ou mãe para filha, a par da autoformação e da aprendizagem com mestres locais e estrangeiros destacados — todos estes são identificados como meios de fornecer às mulheres formas inovadoras de cura²⁵.

Existem outras áreas às quais as mulheres estão associadas, tanto em Portugal como no Oriente, e são aquelas relacionadas com a higiene corporal e a prática de aplicar clisteres. As mulheres que usaram esse método são apelidadas de «cristaleiras». A sua presença é reconhecida também no Oriente. Nas fontes pode-se supor que são mulheres portuguesas²⁶, sugerindo esse tipo de prática como um contributo do Ocidente. É de facto totalmente compatível com os procedimentos galénicos e a filosofia de cura realizada principalmente por purgas e sangramentos para extrair os maus humores.

²¹ ORTA, 1891: 354.

²² Um dos testemunhos no inquérito feito ao vigário de Goa, Diogo de Morais a 17 de setembro de 1539 foi «Llianor Afonso, molher parteira» (REGO, 1949: 282).

²³ CARNEIRO, 2008.

²⁴ CORREA, 1864: 55.

²⁵ CAPELÃO *et al.*, 2015.

²⁶ ANTT — *Corpo Cronológico*, parte II, maço 47. «Mandado de Lourenço Moreno para o Almojarifé dos mantimentos de Cochim dar a Inês Fernandes, cristaleira, 50 parás de trigo à conta de seu soldo».

Podemos também encontrar práticas semelhantes descritas na obra de Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*, inspirada nas experiências vividas no Oriente e no Extremo Oriente. Ao descrever a China, ele menciona mulheres como «cristaleiras», lado a lado com homens que curam feridas, «boubas» (sífilis) e dão «suadouros»²⁷. O autor também menciona mulheres idosas que serviam como parteiras e «dão mezinhas para botarem as crianças e fazerem parir ou não parir»²⁸. O próprio autor apresenta-se como protagonista de práticas curativas utilizando madeiras locais, cujos líquidos curam doenças, ou empregando uma técnica de sutura de feridas, «como às vezes via fazer na Índia»²⁹ — um exemplo claro de canais informais de transferência de conhecimento.

Outras práticas médicas e curativas realizadas pelas mulheres merecem atenção, como as que envolvem doenças sexualmente transmissíveis e a sua cura³⁰. Este é o caso da doença de «entaca», não identificada. O poder inerente das mulheres, mesmo sendo escravas, neste domínio, e o grau de dependência dos portugueses em relação a elas a fim de garantir a sua própria sobrevivência, está claramente estabelecido nos registos encontrados nas cartas dos missionários. A África (neste caso a África Oriental, e Moçambique em particular) é, neste domínio, um terreno inesgotável de pesquisa, pois encontramos aí uma linha tênue entre a medicina e a feitiçaria, transformando essas mulheres em alvos frequentes de inquéritos e condenações pela Inquisição.

Além deste caso, que envolve escravas da África Oriental, outros depoimentos apontam, de facto, para o uso de práticas abortivas, sempre ligadas a *performances* femininas. Ao referir-se à carreira marítima da Mina, uma carta de 1572 que trata das galés e «porque se ham de substituir remadores brancos por escravos negros», afirma:

porque estão amancebados muitos com negras gentias, as quaes se tem por averiguados que esperdição os partos, ou matandoos depois de nacidos, ou fazendoos abortivos,

²⁷ POLÓNIA & CAPELÃO, 2018a: 358.

²⁸ POLÓNIA & CAPELÃO, 2018a: 357.

²⁹ «e na ferida da testa, por ser mais pequena, lhe dei cinco somente, e lhe pus em cima suas estopadas de ovos, e lhas atei muito bem, como algumas vezes vira fazer na Índia» (POLÓNIA & CAPELÃO, 2018a: 473).

³⁰ «Outra doença há em toda esta costa de Sofala, rios de Cuama, & Moçambique, muy pegadiça a todo o género de homem, a qual he causada pelas negras destas terras, porque muitas dellas, particularmente as escravas dos Portugueses, se acertão de conceber, & não querem que o parto venha a lume, tomão hũa beberagem do çumo de huma certa herva, que nestas partes há, & logo movem com ella; mas depois do mouito ficão tão peçonhentas das, que se não pegão aquelle mal a algum homem por meyo de ajuntamento, vãose secando, & consumindo pouco & pouco, até que morrem. Polo que depois de moverem logo buscão algum homem, a quem peguem esta infirmitade, pera ficarem com saúde: & o homem fica tão apeçonhento, que raramente escapa da morte, porque logo no mesmo instante se lhe causão tão grandes dores nas virilhas, que dellas morrem em poucos dias. E já aconteceu este acto deshonesto, acabarem juntamente a vida. a esta infirmitade chamão Entaca, & contra ella há hum so remedio, que he beber o çumo de outra herva contrapeçonha da que tomão as negras pera mover, com a qual beberagam escapão da morte. Mas pera aproveitar esta mêzinha, há de ser tomada no mesmo dia, em que o mal se pegou porque se lhe dilatão a cura, logo lavra a peçonha até chegar ao coração, & já então não tem remedio. Destas duas hervas há muita quantidade na terá firme de Moçambique, mui conhecida de todos» (SANTOS, 1609: 89v.).

*o qual se prova, por que estando amancebados, e crescendo os ventres, não ha nenhum só mulato em toda a aldeã, havendo tantos, donde as negras parem a seu salvo*³¹.

Este tópico leva-nos a outro campo de investigação desafiante: o uso de métodos abortivos, tanto por mulheres locais, quanto por cristãs, inspirados e apoiados em técnicas e medicinas locais.

Pedro Teixeira mostra a relevância desses tópicos para estranhos ao próprio campo da medicina. Este autor menciona na sua obra uma erva procedente da ilha de Ceilão, usada para facilitar o parto:

Pero no menos que esta [herva] es digna de admiración otra que en la Isla de Seylan se presento à la mujer de un capitán de Columbo, quasi de figura de una espiga de sevada, mas negra y hirsuta: la qual era tã valida, y efficáz en facilitar el parto, que si cõ mucho cuidado no la quitaban del muslo en saliendo la critatura, se veniã las entrañas em por della, vieronse dello mil experiencias, y de un caso que succedio con ella à su misma deunna foy yo testigo, la qual andando prennada, metiola en una caxeta, la qual una esclava metiò debaxo del lecho de la señora: acaesciò que abortó, y tal fluxo de sangre le diò que jamas fue posible remediallo yvase muriendo, quizo Sacramentarse, fue menester, para preparar la casa alguna cosa, que estava en la arquilla: abriose, hallaron en ella la yerva, pensaron si quiça seria tal su fuerça, que dende allí obrasse en la enferma: llevaron la à otra casa, inmediatamente fue cessado el fluxo hasta sanar de todo, pasó ansi en Goa, yo me hallé presente...». Sobre o nome de dita erva «...no lo sabia quien la tenia, y aunque después estuve en Seylan y lo procuré saber, no hubo quien della me diese noticia»³².

O facto de Garcia de Orta insistir na ideia de que a galanga (*alpinia galanga*) — uma dessas plantas, como ele a conhecia, que não era mencionada nem pelos Gregos nem pelos Muçulmanos, nomeadamente os Árabes (as autoridades tradicionais, juntamente com os Hebreus nos tempos de difusão do humanismo e o classicismo na Europa) — revela claramente a suposição de que o seu papel (o papel dos médicos portugueses) ia para além da autoridade dos clássicos, por beneficiar do contacto direto com outras culturas, seus conhecimentos médicos e sua experiência³³. Destes, Garcia de Orta é,

³¹ BRÁSIO, *org.*, 1953: 90-91.

³² TEIXEIRA, 1610: 165-166.

³³ «O nome he em arabio *calvegiam*, e ainda que acheis por todollos Mauritanos escrito *chamligiam* ou *galungem*, como Serapio lido corrutamente escreve, nam lhe deis fé; porque todos os Arabios lhe chamão asi. E esta que chamamos *galanga* he de duas maneiras, scilicet [...] da China (*lavandou*), [...] e Jaoa (*lancuaz*) [...] e esta de Java tem folhas à feiçam de huma grande lança, e florece com flor branca; deita sementes, mas nam se semea com ellas, ainda que nesta terra he semeada nas ortas em pouca quantidade, scilicet, aquillo que se gasta na terra em saladas e em mezinhas da gente indiana, principalmente da que vem da Jaoa, que sam as parteiras (a que chamão *daias*) e tem cá officio de físicos. Semease das raizes delia mesma, como o *gengivre*, e nam doutra maneira» (ORTA, 1891: 354).

ele mesmo e a sua obra, *Coloquios dos Simples, e Drogas he Cousas Mediçinais da India* publicada em Goa em 1563 e repetidamente publicada na Europa durante os séculos XVII e XVIII, agente de uma ampla circulação de conhecimento produzido e aplicado em contextos muito diferentes e muito distantes. Além disso, Garcia de Orta usou a sua própria escrava, Antónia, como uma autoridade³⁴, chamando por ela sempre que Ruano, o outro personagem do livro, desafiava a sabedoria do conhecimento de Orta. Isso indica a própria percepção de Garcia de Orta do valor das mulheres como detentoras de autoridade em relação ao conhecimento médico local. Estes dados comprovam a relevância desse conhecimento e demonstram que as mulheres operavam como intermediárias entre diferentes mundos culturais e científicos. A sua autoridade é devidamente reconhecida pelos detentores de educação académica de acordo com padrões ocidentais.

Voltando à planta médica descrita, contamos também com o testemunho mais aprofundado de Cristóvão da Costa, esclarecendo o uso que dela se faz para expulsar o feto morto e, potencialmente (esta é a nossa própria proposição), apoiar as práticas abortivas³⁵.

Mesmo que nem sempre fossem mencionados diretamente, os métodos abortivos existiam, e os mesmos medicamentos usados para expelir fetos mortos eram frequentemente usados para desencadear o fim de gestações. Cristóvão da Costa, ao referir as propriedades da pimenta, diz que «socorre a las mordeduras de fieras, extirpa la criatura muerta en el vientre, y creese, que metida en la natura dela muger, despues del parto, le quita la esperança, de jamas empreñarse»³⁶.

Todas as sociedades tinham acesso, nas farmacopeias locais, a substâncias conhecidas como tendo propriedades capazes de interferir na fertilidade de uma forma ou de outra. No entanto, é difícil provar que as mulheres tivessem um conhecimento efetivo das propriedades químicas dessas plantas. Na verdade, certamente conheciam a sua aplicabilidade e usos, incluindo os abortivos. Todavia, muitos casos de aborto passam despercebidos, uma vez que é muito difícil diferenciar um aborto induzido de um espontâneo não intencional. O que os episódios documentados parecem provar é que o uso de algumas ervas emenagogas (estimulantes da menstruação) para expelir o feto morto, poderia de facto esconder a real intenção de causar um aborto. O aborto certamente levanta questões biológicas, e a longo prazo e em diferentes contextos culturais, questões morais, religiosas e jurídicas difíceis de responder e até mesmo difíceis de

³⁴ ORTA, 1891: 95, 161.

³⁵ «Delas Carambolas Capitulo XXXIII. Es fructo llamado delos Portugueses Carambola: y de los Decanins, y Canarins, Camarix: de los Malayos, Bolimba: de los Malabares, Carambolas, a quien tambien llaman los Canarins, Carabeli: y los Parsios, Chamaroch: y en Turco y Arabio no tiene nombre (porque no lo conocen) es fructo de un arbol del tamaño de un membrillo, la hoja como la del Mançano, un poco mas larga, teñida de un verde oscuro y al sabor un poco amarga [...] Una partera o comadre, a que ellos llaman Daya, vi usar de este fructo seco en polvo, con hojas de Betele, para expeler las Secundinas despues del parto, y la criatura muerta en el vientre» (COSTA, 1578: 254-255).

³⁶ COSTA, 1578: 28.

debater cientificamente. Pode-se, ainda, adivinhar nas entrelinhas como novos métodos poderiam ser adicionados aos ocidentais para atingir o mesmo objetivo: acabar com gestações em curso.

Em conclusão: mulheres africanas, asiáticas, como americanas atuaram como curadoras, cuidando de corpos masculinos e femininos, exigindo toda a ajuda e tratamento disponíveis, não importando a que esfera cultural pertenciam. Essas mulheres eram elas próprias enciclopédias de conhecimento prático. A partilha desse conhecimento foi inevitável e certamente reprodutivo para a reconfiguração do conhecimento europeu. O conhecimento inovador pode emergir, mesmo se repousando na mais telúrica das bases — o que, no entanto, nem sempre foi necessariamente o caso. A inovação pode, em qualquer caso, surgir em espaços onde os praticantes de todo o tipo de saberes e possuidores de conhecimentos tão diversos, como os académicos e os tradicionais e práticos, se encontram. E entre estes podemos, sem dúvida, incluir mulheres.

FONTES MANUSCRITAS

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

ANTT — *Corpo Cronológico*, parte II, maço 47. «Mandado de Lourenço Moreno para o Almojarife dos mantimentos de Cochim dar a Inês Fernandes, cristaleira, 50 parás de trigo à conta de seu soldo».

FONTES IMPRESSAS

BRÁSIO, António, *org.* (1953) — *Monumenta Missionaria Africana. África Ocidental (1570-1599)*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, vol. III.

CORREA, Gaspar (1864) — *Lendas da Índia*. Lisboa: Tipographia da Academia Real das Sciencias, Livro Quarto, tomo IV.

COSTA, Cristóvão da (1578) — *Tractado delas Drogas, y medicinas de las Indias Orientales, con sus Plantas debuxadas al biuo por Christoual A costa medico y cirujano que las vio ocularment*. Burgos: Martin de Victoria.

ORTA, Garcia de (1563) — *Coloquios dos Simples, e Drogas he Cousas Mediçinais da India [...]*. Goa: Joannes de Endem.

—— (1891) — *Coloquios dos Simples e drogas da India*. Edição Publicada pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, dirigida e anotada pelo Conde de Ficalho, Socio Effectivo da mesma academia. Lisboa: Imprensa Nacional, vol. 1.

POLÓNIA, Amélia; CAPELÃO, Rosa, *coord.* (2018a) — *Primeira obra de aventura e contactos intercivilizacionais/Fernão Mendes Pinto, Peregrinação*. Lisboa: Círculo de Leitores. (Obras pioneiras da cultura portuguesa; 19).

REGO, António da Silva (1949) — *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente: Índia*. Lisboa: Agência Geral das Colónias. 2.º vol.: 1523-1543.

SANTOS, João dos (1609) — *Ethiopia Oriental, e Varia historia de cousas, notáveis do Oriente, e da Christianidade que os Religiosos da Ordem dos Pregadores nelle fizeram*. Évora: Manoel de Lira.

TEIXEIRA, Pedro (1610) — *Relaciones de Pedro Teixeira d'el origen, descendencia y succession de los Reyes de Persia, y de Harmuz, y de un viaje hecho por el mismo autor dende la India Oriental hasta Italia por tierra*. Ambers: Hieronymo Verdusem.

BIBLIOGRAFIA

- ANDAYA, B. Watson (1995) — *Women and Economic Change: The Pepper Trade in Pre-Modern Southeast Asia*. «Journal of the Economic and Social History of the Orient», vol. 38, n.º 2, p. 165-190.
- ANTUNES, Cátia; POLÓNIA, Amélia, eds. (2016) — *Beyond Empires: Self-Organizing Cross-Imperial Economic Networks vs Institutional Empires 1500-1800*. Leiden: Brill.
- BLEICHMAR, Daniela; DE VOS, Paula; HUFFINE, Kristin; SHEEHAN, Kavin, eds. (2009) — *Science in the Spanish and Portuguese empires, 1500-1800*. Stanford: Stanford University Press.
- BOYAJIAN, James C. (2008) — *Portuguese Trade in Asia under the Habsburgs, 1580-1640*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.
- CAPELÃO, Rosa; POLÓNIA, Amélia; GESTEIRA, Cristina (2015) — *Mulheres que curam no Portugal Moderno. Do Centro às margens: o exemplo das práticas médicas*. In LOBO, Maria Marta; PÉREZ, Maria José, coord. — *Do Silêncio à Ribalta: os resgatados das margens da História (séculos XVI-XX)*. Braga: Lab2PT, p. 83-100.
- CARNEIRO, Marinha (2008) — *Ajudar a Nascer. Partejas, saberes obstétricos e modelos de formação (século XV-1974)*. Porto: U. Porto Editorial.
- JESÚS, Paulo de; TIRIBA, Lia (2009) — *Cooperação*. In CATTANI, Antonio David; LAVILLE, Jean-Louis; GAIGER, Luiz Inácio; HESPANHA, Pedro, eds. — *Dicionário Internacional da Outra Economia*. Coimbra: Almedina, p. 80-85.
- LIVINGSTONE, David N. (2003) — *Putting science in its place geographies of scientific knowledge*. Chicago: University of Chicago Press.
- PEARSON, Michael N. (2005) — *The world of the Indian Ocean, 1500-1800: studies in economic, social, and cultural history*. Burlington: Ashgate.
- PENALVA, Elsa (2011) — *Mulheres em Macau. Donas Honradas, Mulheres Livres e Escravas. Século XVI e XVII*. Lisboa: CHAM.
- POLÓNIA, Amélia (2013) — *Informal Self-Organised Networks in the First Global Age. The Jesuits in Japan*. «The Bulletin of the Institute for World Affairs», vol. 28, p. 133-158.
- POLÓNIA, Amélia; ANTUNES, Cátia, eds. (2017) — *Mechanisms of Global Empire Building*. Porto: CITCEM.
- POLÓNIA, Amélia; CAPELÃO, Rosa (2017) — *Connecting Worlds. Women as Intermediaries in the Portuguese Overseas Empire, 1500-1600*. In BÜHRER, Tanja; EICHMANN, Flavio; FÖRSTER, Stig; STUCHTEY, Benedikt, eds. — *Cooperation and Empire. Local Realities of Global Processes*. Oxford: Berghahn Books, p. 58-89.
- (2018b) — *Women as Go-Betweens in Processes of Cultural Encounters: The Portuguese Overseas Empire Case Study (1500-1700)*. In POLÓNIA, Amélia; BRACHT, Fabiano; CONCEIÇÃO, Gisele C., eds. — *Connecting worlds: Production and Circulation of Knowledge in the First Global Age*. Cambridge: Scholars Publishing, p. 269-295.
- RAJ, Kapil (2010) — *Relocating Modern Science. Circulation and the Construction of Knowledge in South Asia and Europe, 1650-1900*. New York/Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- REID, Anthony (1988) — *Female Roles in Pre-Colonial Southeast Asia*. «Modern Asian Studies», vol. 22, n.º 3, p. 629-645.
- RIVARA, J. H. da Cunha, org. (1862) — *Arquivo Portuguez Oriental*. Nova-Goa: Imprensa Nacional, fascículo 4.º.
- SUBRAHMANYAM, Sanjay (1996) — *O Império Asiático Português, 1500-1700: Uma História Política e Económica*. Lisboa: Difel Editora.
- VAN DYKE, Paul A. (2011) — *Merchants of Canton and Macao. Politics and Strategies in Eighteenth-Century Trade*. Hong Kong: Hong Kong University Press.
- WENDT, Helge (2016) — *The Globalization of Knowledge in the Iberian Colonial World*. Berlin: Max Planck Research Library for the History and Development of Knowledge.

